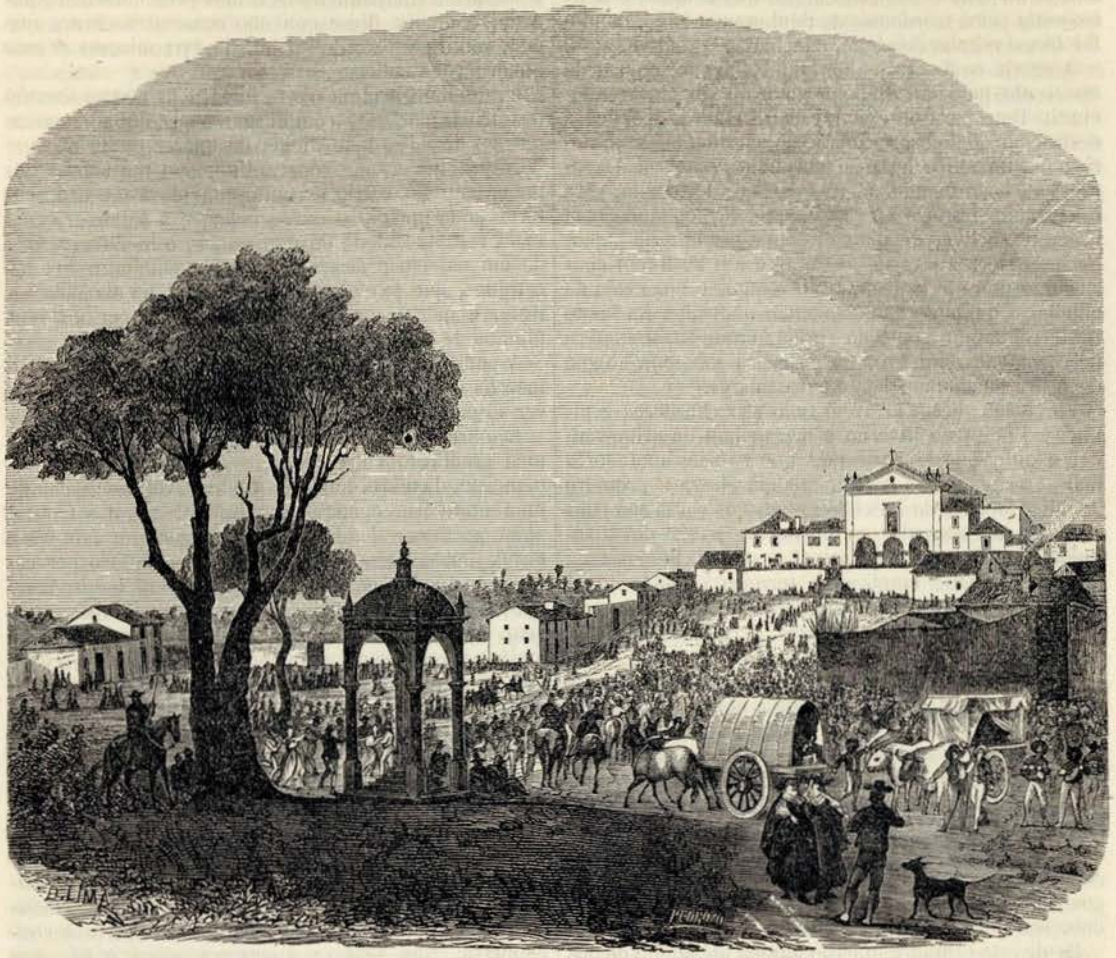


Nossa Senhora da Atalaya

É o templo d'esta invocação um dos mais celebres sanctuarios da provincia da Estremadura; não pela magnificencia ou grandeza do edificio, mas sim pela devoção popular que alli conduz todos os annos innumeraveis romagens, vindas de muitas legoas em derredor.

Está situada esta egreja sobre um oiteiro da margem do sul do Tejo, mas para o interior, a uns 4 kilometros de distancia da villa de Aldeia Gallega, a cuja matriz pertence.

A origem d'esta fundação é uma lenda religiosa de antigas eras, que refere o successo da maneira seguinte:

A fonte que se vê detraz da capella-mór da egreja, um pouco para o lado do norte, tinha antigamente junto de si uma grande aroeira, que a cobria com a sua frondosa copa. O nome de *fonte santa*, pelo qual era conhecida desde tempos immemoriaes, fazia com que muita gente das povoações mais visinhas se valesse das suas aguas para certas enfermidades. Passando a devoção da fonte para a arvore que a assombrava, começaram a tirar-lhe a resina, e a applical-a á cura das sesões, colhendo os doentes muito bons resultados.

Não obstante achar-se a fonte no meio de um descampado, cercada de mattos e pinhaes, tendo apenas ao pé uma pequena e humilde casa, era, pelas razões expostas, um sitio concorrido, quando um dia appareceu na aroeira uma imagem de Nossa Senhora. Divulgada a noticia, correram os devotos a venerarem a Virgem, e procurando-lhe um logar mais conveniente, levaram-n'a para a casa visinha, onde a collocaram em uma cantareira.

Á noticia do apparecimento succedeu a fama dos milagres, com que tanto se augmentou a affluencia dos fieis, que aquelle deserto se viu em breve transformado em um grande arrayal permanente. Lembraram-se então de edificar um templo, onde a Senhora fosse mais respeitosamente servida e venerada.

Acudiram as esmolas com promptidão, e em quantidade tal, que iam satisfazendo todas as despezas da construcção, de sorte que em pouco tempo se acabou a egreja e se trasladou a imagem para o altar-mór. Porém, no dia seguinte áquelle em que se fizera a trasladação, appareceu a imagem da Virgem novamente collocada na cantareira em que estivera até alli. Conta a lenda, que tantas vezes se repetiu este caso, que os devotos, acreditando ser vontade da Senhora ficar no logar onde recebêra as primeiras homenagens d'aquelles povos, resolveram deixar a imagem na cantareira, e mandar fazer outra á sua similhança para ser collocada na egreja. Assim se executou, e logo o povo principiou a denominar *Senhora a Moça* a imagem que se vê na egreja, e *Senhora a Velha* a

da cantareira, cuja casa ficou servindo de sacristia.

A cantareira, especie de nicho que ainda se usa nas casas pobres para a collocação do cantaro ou de outros utensilios domesticos, foi augmentada e aformoseada pelos mordomos da Senhora em 1623, dando-lhe fórma regular de nicho, e fechando-o com vidraças.

A egreja de Nossa Senhora da Atalaya foi reformada no seculo passado. É pequena e de singela architectura. Tem na frente um espaçoso adro, d'onde se desfructam deliciosos panoramas em dilatadissimo horisonte. Do adro desce-se por uma escadaria de pedra, que corresponde aos tres porticos do templo, para um grande terreiro ou praça, que, principiando com bastante declive, depois se estende por terreno plano. Orlam o terreiro várias casas que alli se foram construindo durante o decurso do tempo, e em razão da affluencia de gente que o sanctuario attrahe. No fundo do terreiro, em frente da egreja, ergue-se, á sombra de corpulento pinheiro, um cruzeiro sob uma cúpola de pedra sustentada por quatro pilares.

Em torno d'este logarejo tudo são charnecas e pinhaes. Durante o inverno e o principio da primavera é um sitio quasi ermo, pois que os seus moradores não passam de 25. Porém, quando chega o primeiro domingo depois da Paschoela, todas as casas são poucas para accommodar os hospedes. N'esse dia e seguintes celebra-se a principal festa da Senhora da Atalaya. Aquelle amplissimo terreiro é então logar acanhado para conter a multidão de povo que alli corre a acompanhar ou esperar o primeiro cirio do anno, que vae festejar a Senhora.

Não se vê nas visinhanças de Lisboa arrayal mais concorrido e pittoresco, pois que a nenhum outro, incluindo mesmo o de Nossa Senhora do Cabo, acode gente de mais longinquas terras, e de trajos mais variados. E não se limita esta animação á praça e adro da egreja. Os mattos e pinhaes que circundam o sanctuario transformam-se em vasto acampamento, onde os alegres romeiros folgam de dia, comendo, tocando, cantando e bailando; e repoisam de noite minguadas horas para recomeçar, ao alvorecer, as suas devoções e folguedos.

Desde esta primeira funcção annual até ao fim de outubro succedem-se as festas á Senhora da Atalaya com tão pequenos intervallos, que bem se póde dizer que é uma só festividade com seis mezes de duração. Vinte e cinco cirios alli vão n'este periodo levar os tributos da devoção de outras tantas freguezias, que se esforçam por sobresair umas ás outras nos obsequios que rendem á Virgem.

A nossa gravura é cópia de um desenho original do sr. Barbosa Lima, tirado na occasião de uma d'estas funcções. O artista teve bom gosto no ponto de vista que escolheu, e soube tirar partido do quadro animado que tinha diante de si. I. DE VILHENA BARBOSA.

UM EPISODIO DE TORRES VEDRAS

(Vid. pag. 365)

II

Nas marchas e contra-marchas, que formaram os movimentos estrategicos d'essa gloriosa e inoffensiva campanha de quinze dias, andou sempre a pé o auctor d'este artigo. Registo com justo orgulho n'estas paginas esta façanha, que ha de conquistar para as minhas pernas a admiração da posteridade. Parecia-me que saboreava assim melhor, os encantos das esplendidas paizagens que orlam todas as estradas do Minho. As pernas, em geral, pouco apreciadoras de bellezas campestres, nem sempre se conformavam com a minha opinião; mas eu, que lêra, havia pouco tempo, com proveito, a *Voyage au tour de ma chambre*, de Xavier de Maistre, entendi que a *alma* devia exercer constante influencia sobre a *besta*, e, depois de ter fulminado os membros rebeldes com esta ultima e pouco lisongeira qualificação, encarreguei a alma de prégar á sua bruta companheira os santos principios de egualdade, e de lhe dizer que não consentiria nunca que ella, sob o pretexto de ser bipede, tyrannisasse as suas quadrupedes collegas.

Triumphou a alma n'esta lucta, e as pernas fizeram das tripas coração, complicada operação anatomica, que eu dispenso a medicina de querer explicar.

N'essa noite, por conseguinte, não me afastei dos meus habitos; o frio cortante convidava-me a desentorpecer os membros enregelados, e a saborear, com mais voluptuosidade do que nunca, o ineffavel prazer de um passeio pedestre á frouxa e palpitante luz das estrellas, que pareciam tremer de frio na abobada celeste, e que se embuçavam até ás canhas nos seus mantos de nevoas.

A pouco e pouco fui-me afastando do regimento; em marcha vae cada um á vontade, e o facto de eu pertencer ao pelotão da vanguarda facilitava-me a digressão.

Lembrei-me do *Rob Roy* de Walter Scott, romance meu predilecto entre todos os do meu predilecto romancista. Lembrei-me d'essa admiravel descripção de uma noite fria e clara nos desfiladeiros das montanhas escocezas; lembrei-me do prazer que causava a Frank Osbaldistone o seu caminhar solitario por esses ermos selvagens, da sensação aspera e agradavel que lhe produzia o frio picante da montanheza aragem. Admirei-me de não sentir o mesmo; porque muitas vezes, lendo e relendo essa deliciosa scena, presentira que havia n'ella muita verdade, porque me bastava fechar os olhos para me julgar na posição do heroe de Scott, e para sentir o prazer que elle sentia.

Relanceando os olhos em torno de mim, percebi qual era o motivo da differença das minhas impressões e das impressões do aventuroso moço. A paizagem, que se desenrolava de um e de outro lado da estrada, devia de ser formosa, illuminada ou pelo fulgor radiante do astro diurno, ou pelo pensativo clarão da rainha das noites. Mas assim, perdida na sombra, confusa, tenebrosa, confrangia o coração de quem a contemplava. Não soprava a aragem sêcca e fria que revigorisára o corpo e aligeirára o espirito de Frank; mas o ambiente gélido e humido causava-me calefrios, e envolvia-me a alma em caliginosa tristeza. Uma estranha desanimação se apoderou de mim; pareceu-me que os sonhos roseos do meu futuro tomavam fórmas lugubres, como o frondoso arvoredo da estrada se transformava ao longe em horrido cortejo de phantasmas, que a ridente alvorada da minha juventude se havia de envolver n'um véo luctuoso, que no horisonte da existencia ia dissipar-se-me a ventura, como se dissipava por entre os castellos de nuvens sombrias o timido clarão da ultima estrella que scintillava no ceo.

Senti por traz de mim o tropear de um cavallo. Novo ponto de contacto com o heroe do romance. Aquelles dos meus leitores, que conhecem essa formosa narrativa do bardo caledonio, lembram-se que foi um ruido similhante quem despertou Frank Osbaldistone das cogitações em que ia embevecido. Lembram-se tambem que o vulto que lhe appareceu era o da gentil Diana Vernon, d'esse sympathico typo cuja feição original consegue sobresair esplendidamente na admiravel galeria feminina dos contos de Walter Scott. Seria tambem alguma Diana Vernon, que viria com a sua mimosa mãosinha arrancar-me do abysmo de amargura em que me engolphava? Não era. O cavalleiro que perturbava a minha meditação solitaria era simplesmente o cirurgião ajudante do regimento, o meu bom amigo e talentoso escriptor Cunha Bellem.

Foi com elle que eu passei as horas mais agrada-

veis da minha viagem militar. Graças á sua conversação amena, auxiliada por uma memoria fecunda em anecdotas, em poesias e em citações, affrontára o cançaço de dez horas de marcha, debaixo de um sol ardentissimo, quando, na ida para Guimarães, haviamos percorrido a estrada do Porto a Villa Nova de Famalicão; juntos tinhamos visitado as curiosidades historicas da primeira capital da monarchia; juntos haviamos bramido de indignação perante o sarapintado pau de bandeira da torre de menagem, onde estivera encerrada D. Tareja, e perante a não menos sarapintada pia de baptismo do senhor rei D. Affonso Henriques; juntos haviamos fulminado um tremendo anathema, digno de figurar n'uma tragedia grega, sobre a camara municipal e collegiada de Guimarães, anathema que devia fazer em picado conegos e vereadores, se a Providencia tomasse na devida consideração o nosso irritado duetto.

O cavallo em que vinha montado Cunha Bellem mereceria uma descripção especial, se eu tivesse animo de me sentar, como Volney, n'aquella Palmyra ruminante, n'aquella ruina de quatro pés, e se percebesse que o meu estro seria capaz, como o de Jeremias, de entoar uma serie de threnos lamentosos que inundassem de lagrimas as faces dos leitores. O cavallo em si mesmo era uma lamentação, cujas pustulentas estrophes cantavam eloquentemente as miserias do captiveiro, e as angustias da fome. Ou fosse porque a influencia soturna da paizagem operasse tambem no animo do guapo corcel, que nem seria apreciado pelo barão de Catania, ou porque a recordação das suas desgraças e a approximação da morte predispozessem o seu espirito a sérias meditações, é certo que caminhava sempre com a cabeça entre as pernas dianteiras, operação que o fazia tropeçar bastantes vezes, e que o faria até cair a um poço pelo motivo exactamente inverso do que deu logar ao banho do astronomo da fabula, o que prova triumphantemente que um cavallo e um astronomo *ça ne fait pas deux*.

Muitas vezes eu julgaria que esse Euclides dos ginetes se entregava á resolução de algum problema, se essas meditações não se desatassem n'uma saraivada de coices, completamente incompativeis com a dignidade de um mathematico. Inclinei-me antes a suppor que essas longas horas de mysteriosa elaboração faziam germinar algum artigo politico, e que esses coices, tão prodigamente espalhados, se dirigiam á grammatica e ao senso commum, vultos invisiveis para nós, mas que as indignadas ferraduras do cavallo articulista sentiam instinctivamente no seio das trevas.

Firme n'esta opinião, empreguei toda a minha eloquencia para persuadir a Cunha Bellem, que as esporadas e as chicotadas distrahiriam forçosamente o illustrado sendeiro das suas elevadas lucubrações, lucubrações que haviam forçosamente de redundar em beneficio da mãe-patria, tão fecunda em talentos d'aquelle genero; que era justo que o ditoso corcel não recebesse unicamente a inspiração que elle Cunha Bellem se esforçava por lhe inocular em fórma de murros, desesperando já da proficuidade da espora unica, e da varinha de marmeleiro; que era muito possivel que esse animal meditabundo chegasse a ser ministro de estado, e que a indulgencia com os coices presentes nos resguardaria talvez dos coices futuros. Accedeu Cunha Bellem á minha proposta, e apeou-se entregando o cavallo ao arrieiro, a quem o intelligente corcel seguiu com uma docilidade de alimaria semi-official.

Assim conversando, estavamos já a uma grande distancia do regimento. Comtudo, não formavamos apesar d'isso a guarda avançada; um grupo composto dos oito ou dez porta-machados, de dois ou tres tambores, e do feliz possuidor do meditativo ginete, caminhavam a pouca distancia adiante de nós. Ao longe, na nossa retaguarda, ouviamos a toada melancolica de uma d'essas cantigas que os soldados usam cantar em marcha, para se distrahirem do tedio do caminho, e tambem para disfarçarem a fadiga, acertando o passo por esse rythmo monotono. Essa cantilena, entoada por centenas de vozes, jorrava em torrentes de sons pelos bosques, pelos montes, echoava lugubremente nos antros, fazia estremecer a folhagem das arvores, e enchia de murmurios estranhos a sombria solidão da paizagem.

Chegámos a um sitio em que a estrada fazia um cotovelo, e onde a ladeira, que haviamos subido, terminava n'uma pequena eminencia, vértice do angulo formado pela linha ascendente da estrada que percorreramos, e pela linha descendente da que iamos percorrer.

— Paremos aqui um instante, disse eu a Cunha Bellem, e deixemos approximar o regimento.

Parámos com effeito; nem só nós tivemos essa idéa; o pequeno grupo, que nos precedia, lá estava já reunido. Os tambores sentavam-se em cima das caixas, os porta-machados, com as enormes barretinas na cabeça, encostavam-se á boca das espingardas, poisando a coronha no chão. O arrieiro picava tabaco, e preparava-se para fazer um cigarro, em quanto o pensativo corcel contemplava mudamente o horisonte.

Entretidos a conversar, pouca attenção démos ao grupo. A final, lá ao longe começaram a apparecer as primeiras filas do regimento. Os archotes, disseminados por differentes pontos, davam áquella serpente sinuosa e sombria como que um scintillar de escamas. Era um espectaculo verdadeiramente pittoresco. Dir-se-hia uma procissão de phantasmas, illuminados, no seu caminhar para o cruzeiro, pela funebre phosphorescencia dos esqueletos.

Embeveci-me na contemplação d'essa massa longinqua, que avançava por entre as arvores, fazendo sair de repente da sombra, com os seus clarões ambulantes, um tronco, uma casa, uma cruz. Como os espectros luminosos dos theatros, assim appareciam e desappareciam os differentes objectos illuminados por essa rapida chamma. Ás vezes um ligeiro sopro de vento, agitando a labareda inconstante dos archotes, arrancava-lhes milhares de faiscas, que esvoaçavam nos ares, e que se perdiam, como um bando de borboletas de fogo, na espessura das arvores.

Enlevado na contemplação d'esse pittoresco panorama, nem ouvia o que os meus visinhos diziam; mas o diapasão da palestra elevou-se mais do que o habitual, de fórma que voltei a cabeça.

Começava a cair uma chuva fina, mas frigidissima. Parecia que as gotas de agua se nos coavam por entre os póros do corpo, e iam congelar-nos o sangue nas veias.

— Maldita vida! — disse um tamborzito olhando para as calças brancas sem gomma, que já se lhe pegavam ás pernas.

— Para que sentaste tu praça, rapaz? — perguntou um porta-machado velhote, que se encostava á arma com tanta dignidade como um velho pastor das eras bucolicas se encostaria ao cajado. Tu não tens mãe?

O porta-machado, que fallára, tinha uma bella physionomia de homem. Alto e grosso, possuia uma construcção herculea; mas no seu rosto lia-se claramente a mansidão dos fortes. As barbas grisalhas emmolduravam umas faces cavadas, onde brilhavam dois olhos tão tristes e tão meigos ao mesmo tempo, que infundiam uma certa veneração até nos seus superiores.

Os tambores pequenitos são quasi sempre os bodes emissarios dos regimentos. Em geral são criados de todos, e não é raro que sirvam tambem de desabafo para as iras concentradas dos soldados, que acabaram de soffrer um castigo, ou de receber alguma reprehensão dos seus officiaes. Mas isso nunca acontecia diante do porta-machado Romão, a não ser que o sol-

dado de mau humor tivesse desejos de provar os murros do colosso. Tratava sempre bem, e até carinhosamente, os pobres pequenos, e estes, em compensação, tinham-n'o pelo seu anjo da guarda, e adoravam-n'o como tal.

— Ora para que sentei eu praça, senhor Romão? — respondeu o pequeno; eu já não tenho pae, minha mãe vae-se fazendo velha, e tenho dois irmãos e tres irmãs.

— Entendo! entendo! — tornou o porta-machado; lá em casa nunca tocava ao rancho, e a respeito de distribuição de pão e de azeite, meia volta á direita volver, aos seus quarteis ordinario marcha. Pobre pequeno! Mas por que não ficaste tu com tua mãe a ajudal-a a ganhar a vida?

— Ora, sr. Romão, os lavradores não me queriam, porque eu era muito pequeno, e então que havia de fazer?

— Fizesses-te ladrão de estrada, interrompeu o arrieiro com um risinho surdo; sempre é melhor que andar com a farda ás costas.

O pequeno olhou para elle com uns olhos muito espantados.

Este arrieiro era um typo, a encarnação do Raguet de um dos romances campestres de Jorge Sand, personagem que julguei inverosimil em quanto não vi com os meus proprios olhos um dos irmãos do modelo vivo, por onde provavelmente a grande escriptora franceza gizou os traços tão caracteristicos d'esse vulto que é o genio mau de um dos seus melhores livros, *Jeanne*. Era o cynico rustico, em todo o esplendor da sua diabolica manifestação. Estou que devia ser um objecto de terror para as crianças da sua aldeia, e um personagem lendario, cujas phantasticas façanhas haviam de ser narradas largamente em torno do lar onde crepitasse o magusto, ou á roda da eira, á luz pallida da lua, nos serões da descamisada. Era impossivel que as velhas das choupanas visinhas o não tivessem nomeado chefe do bruxedo, e marcador das revoluteadoras contradanças das noites de congresso infernal.

De tudo se ria o maldito! Recebia com a maior indifferença as descomposturas perennes dos soldados, que tinham á uma embirrado com elle, retorquia-lhes com uma zombaria açacalada e envenenada, como um punhal malayo, e apanhava depois, com a serenidade de um martyr, a torrente de improperios que desabava de novo em cima d'elle.

Não era crendeiro nem crente, era uma gargalhada viva! Ironia, sarcasmo e fel formavam aquelle espirito, que me deixou uma profunda impressão, pelo contraste que fazia com aquella natureza risonha, e com a boa e sincera gente d'aquellas cercanias. Assim, no meio da noite espessa que nos rodeava, sentia um vago calefrio, quando escutava aquelle riso aspero e cortante, que se repercutia nas brenhas e acordava os echos, que pareciam outros tantos demonios escondidos no seio das trevas.

Quando rompeu a madrugada, pude-o ver, e a sua physionomia livida, o seu olhar traiçoeiro, não desvaneceram a impressão que me produzíra a sua voz vibrando, ou antes silvando como o grito de uma serpente no meio da noite. Quando a natureza se arrancou das nevoas que entristeceram a madrugada, e enxugou com os primeiros raios do sol os tristes prantos do alvorecer, como criança risonha e gentil a quem se tiram as faixas da primeira infancia, o arrieiro desappareceu, ave nocturna e agoireira soprendida pelo esplendor do dia.

Não o tornei a ver.

Tal era o personagem que acabava de dar resposta sarcastica ao tambor pequenito.

— Não mangue com a criança, homem, tornou o porta-machado no tom grave que lhe era habitual; o officio é levado da bréca, é verdade, mas mais vale comer os feijões do rancho com honra, do que perùs com vileza. E depois lá está a forca á espera.

— Ora adeus, camarada, respondeu o arrieiro, assim como assim, morrer sempre é morrer, e tanto vale a corda no pescoço como uma bala nos ossos. E depois, um ladrão não é nenhum cobarde. Arrisca-se tanto como vossês, e para andar a monte é necessario ser tanto da pelle do diabo como para dar uma carga.

— Que patife! — interrompeu outro porta-machado, tambem soldado velho. Ande eu na recruta em ordem de marcha trinta dias a fio, se este mariola não foi da quadrilha do José do Telhado! Ah! desavergonhado, se tu estivesses com essas fallas na divisão de Hespanha, e o conde das Antas soubesse, não te queria estar na pelle. Havias de tomar o gosto ás chibatadas.

— Que está vossê a fallar no José do Telhado? — tornou o arrieiro com certa emphase, e sem rebater de outra maneira a accusação; se o visse aqui diante de si, tremia como varas verdes! Aquillo é que era um homem! Valente como as armas, e resoluto a mais não poder ser! E vossês porque torna e porque deixa, e porque nós affrontâmos as balas, e sim mais que tambem! Julgam que o José do Telhado tinha medo d'ellas? Na Eira dos Moiros vi-o saltar em cima de um destacamento de infanteria 2, e o caso é que os soldados, meu amiguinho, depois de uns poucos de tiros... pernas para que te quero. E elle foi-lhes na piugada, com a clavina nas unhas, que fez ver bicho á tropa. E tudo isto para que? para livrar dois dos amigos.

— Tenho tanta certeza, exclamou um terceiro interlocutor, de que tu foste dos que saltaram no destacamento, como tenho de que está alli o nosso alferes, mais o nosso cirurgião.

— Então se tu tens essa certeza, tornou serenamente o arrieiro, é porque foste dos que fugiram, hein?

Os soldados, apesar do rancor que nutriam contra o seu companheiro de viagem, desataram a rir. O interpellado, de indignação fez-se vermelho como a gola da farda.

— Ah! mariola, que se não fosse por estar na presença dos meus officiaes, eu te ensinaria! Havias de travar conhecimento com a fecharia da espingarda! Saiba vossê, só velhaco, que eu nunca fui do 2; sentei praça no 16, e cá tenho comido muito pão de munição, e visto a morte mais vezes junto de mim, do que de cabellos vossê tem na cabeça.

— Está bom, está bom, intervim eu, acabou-se. E os dois presos fugiram? — continuei dirigindo-me ao arrieiro.

— Um d'elles safou-se logo, senhor alferes, mas o outro tinha as pernas quebradas pelas balas, não podia fugir. E vae então o José do Telhado, que não queria que um só dos seus fosse para a cadeia, engatilhou a clavina, e disse para o rapaz: «Faze o acto de contrição». E quando elle acabou de rezar, desfechou com elle e estendeu-o morto.

Um doloroso gemido interrompeu a narração do arrieiro. Voltei-me, vi o porta-machado Romão com a cabeça curva, procurando reprimir os soluços que lhe estalavam no peito, mas não podendo conter as lagrimas que lhe inundavam as faces.

Espantado d'aquella subita commoção, approximei-me d'elle, e perguntei-lhe o que tinha.

— Não é nada, meu aferes. Desculpe-me v. s. Isto passou, a gente ás vezes precisa de desabafar. O regimento já está a dois passos; parece-me que podêmos ir andando.

Effectivamente, a luz dos archotes já projectava um frouxo clarão na eminencia onde estavamos.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

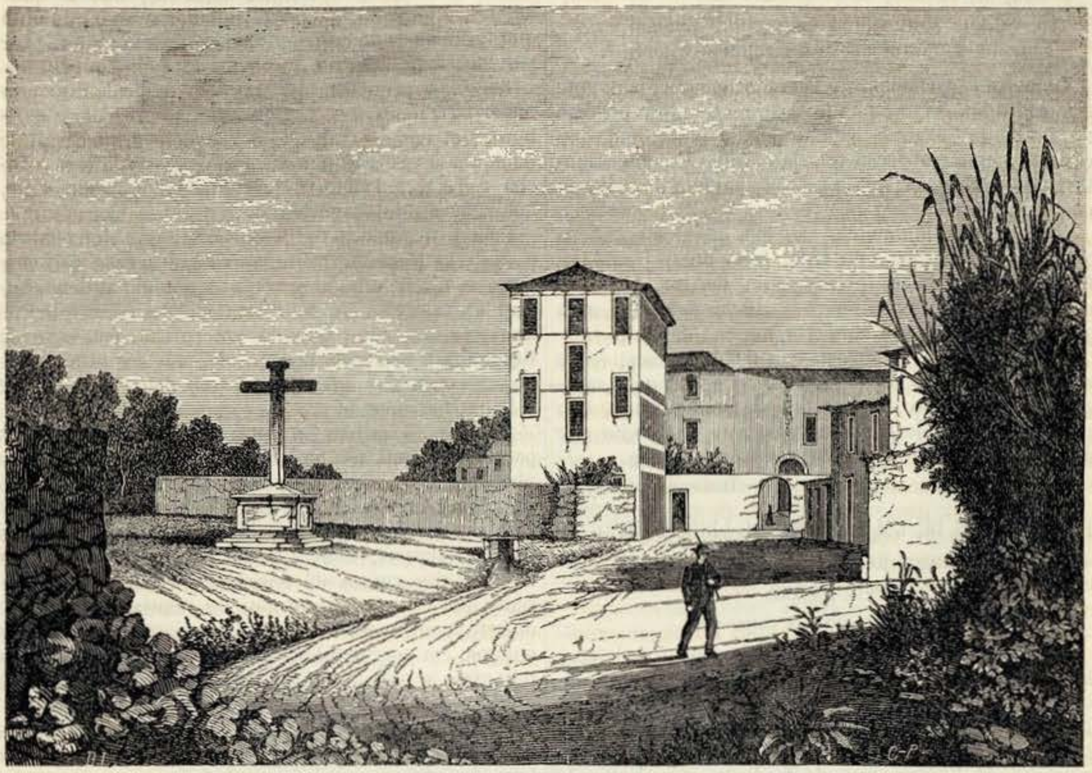
ORIGENS SYMBOLICAS DA PROPRIEDADE

O parodoxo de Prudhon: «*a propriedade é um roubo*», encontra-se confirmado no espirito dos symbolos que exprimem a idéa primitiva da propriedade. É nos symbolos, como fórma instinctiva, cujo elemento caracteristico se manifesta na antithese que a compõe, que a humanidade se mostra como é, no que sente e no que exprime.

A propriedade teve primitivamente uma religião sua, era a *orientação;* o reconhecimento d'ella sustentava-se com a sublimidade augural do deus *Terminus*. Como não existe uma religião sem symbolos, porque todas dependem do culto, e o culto é o modo finito de revelar o infinito do sentimento na vida, é d'aqui que partimos para determinar a origem da propriedade.

No direito indiano achâmos um facto que prova evidentemente o que asseverámos na abertura d'este artigo. É a quinta incarnação de Vichnú. Um dia o deus da trindade indiatica apresentou-se a um gigante que havia conquistado os tres mundos debaixo da apparencia de um anão; Mahabali, o gigante, odiado pelos deuses, ao ver o brahmane pequenissimo, o anão Vaimana, que lhe pedia só tres passos de terreno para edificar a sua cabana, concede-lh'os sem difficuldade.

Era tão pouco! Mas o anão começa pouco a pouco



Mosteiro de S. Felix e Santo Adrião

a tomar umas proporções disformes, e de tal modo, que com um passo abrangia toda a terra, com o outro o ceo, e com o terceiro avassallava o inferno. Então Mahabali, reconhecendo a divindade, prostra-se adorando-a [1]. Na theogonia indica o anão prodigioso conserva o nome de *Trivikrama*, tres passos [2].

É um mytho juridico, em que existe a idéa, mas cria-se um facto para fazel-a subsistir, tornal-a comprehensivel [3]. A generalidade da idéa acha-se nos mythos analogos de quasi todos os povos. Com o nome de Parasurâma, na tradição indica, Vichnú pede um dia ao Oceano que lhe dê a terra que se estende ao longo da montanha, até onde for cair a sua *flexa*, symbolo da posse.

«Queres tu ceder-me um pouco d'estas praias que cobres continuadamente? Quanto mede o tiro, nada mais?» O Oceano concede ao deus banido o que elle pede, e a *flexa* voa distante duzentas leguas, por toda a costa de Malabar, que Vichnú assim alcança [4]. Ainda o mesmo sophisma originando a propriedade: este modo da *occupaçao* pela *lança*, que symbolisa a força, apparece usado entre os romanos; os Quirites, segundo a phrase brilhante de Michelet, arremeçam-n'a para longe, e ella voa por todo o mundo. [1]

Em Carthago, na Allemanha, na Inglaterra, na Dinamarca, na França se descobrem no symbolismo que revestia o primitivo direito vestigios d'esta occupação sophistica, e frequentissimamente nas lendas da egreja. A não ser assim, como havia ella assenhorear-se de tão largas temporalidades?

Um rei da Dinamarca, Waldemar II, cedeu a Santo André, em 1205, todas as terras que elle podesse percorrer montado em um frangão, tendo nove noites de existencia apenas, em quanto o doador permanecesse no banho. O bom do santo soube haver-se tão bem na sua cavalgada, que se não fizessem sair o rei a toda a pressa do banho, elle percorria todo o reino! O mesmo succedeu com S. Florencio e el-rei Dagoberto no seculo VII.

Depois da invasão dos saxonios, um mancebo comprou a um thuringiano uma porção de terra que enchesse o panno da sua capa; depois polverisou-a, e,

[1] Chassan, symbolique XCIX.
[2] Creuzer (d'aprés Chassan), liv. I, c. III, Grimm, poesia do Direito, § 8.
[3] Esta noção de myth. é de Strauss.
[4] Sonnerat, Voyage aux Indes, II, 166; Michelet, Orig. du Droit pag. 74.

[1] Michelet, ibid. XXIII, pag. 3.

espalhando-a assim pelo solo, cobriu uma grande extensão. D'aqui tiraram os saxonios o pretexto de uma acquisição legitima, que sustentaram contra os thuringianos [1].

O imperador Henrique cedeu a um dos seus criados a terra que elle podesse semear com uma certa medida de cevada; dando a mais ampla extensão á concessão, o criado semeou apenas os limites que abrangiam uma área immensa, que depois formou o condado de Mansfeld, como refere Grimm, que nota uma tradição analoga no modo como Luis-le-Sauteur alcança o monte Wartbourg.

Dido, para edificar Carthago, obteve o terreno que podesse ser coberto com a pelle de um boi; depois cortou-a em correias delgadissimas, e estendeu-as pela superficie em que levantou a cidade:

> Mercatique solum facti de nomine Byrsam,
> Taurino quantum possent circumdare tergo [2].

O mesmo pensamento reservado apparece em uma tradição anglo-saxonia da invasão de Hengirto e Hersa na Bretanha; é ainda a pelle de um boi cortada em correias, uma restricção que já o velho Esopo presentíra nos modos por que a raposa apanhou o queijo ao corvo.

Ella, rei de Inglaterra, cae em egual cilada, inventada pela argucia de Ivar, filho de Regnar Lodbrok. Nas tradições de Melusina, Bertran, o conde de Poitiers, não imagina como Raymundo com uma pelle de veado possa abranger um grande valle [3].

Conhecida hoje a importancia dos symbolos, como a primeira fórma da linguagem, a linguagem morphica, no periodo do mutismo da humanidade, não parecerá talvez despida de valor a interpretação que apresentâmos sobre as origens da propriedade.

THEOPHILO BRAGA.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 249)

CHELAS, CHARNECA E CAMARATE

Os suburbios que se estendem entre o nordeste e léste, ao sair da cidade, são mais frescos e amenos, e de muito melhores ares que os da margem do Tejo. Entretanto são mais pobres de bons edificios, e sêl-o-hiam tambem de memorias historicas se não fôra o mosteiro de Chelas, rico de tradições e vestigios de antiguidade.

Corre o valle de Chelas na direcção de sul a norte, e em pouca distancia, obra talvez de 1 kilometro, das barreiras da Cruz da Pedra. Começa junto do Tejo, entre os conventos da Madre Deus, e de S. Francisco de Xabregas, se não quizermos dar este nome ao principio do valle, pelo qual tambem é conhecido.

Mui comprido e largo; na sua maior parte perfeitamente plano; abundante de aguas; todo povoado de hortas e pomares, com as suas casas alvejando entre a verdura; e nas collinas, que o cercam, graciosamente sentadas algumas quintas, é este valle muito aprazivel, e offerece lindas vistas a quem o contempla de qualquer das alturas que o dominam.

Quasi no fim do valle ergue-se o mosteiro de S. Felix e Santo Adrião, de conegas regrantes de Santo Agostinho, e junto d'elle o logar de Chelas, que se compõe de uns setenta e tantos fogos, com perto de trezentas almas. Pertence este logar á freguezia de S. Bartholomeu, do Beato Antonio. Emprega-se uma grande parte dos seus moradores nas fabricas de tecidos e estamparia que alli ha.

[1] Michelet, Origines du Droit, pag. 81, d'aprés Grimm. 90.
[2] Virg. Eneid. i, 371.
[3] Grimm, 91. e Michelet, 8, a quem devemos principalmente os factos que apresentâmos, tirados dos seus profundissimos trabalhos de symbolica juridica.

O *mosteiro de S. Felix* é um dos monumentos de mais remota antiguidade que ha em o nosso paiz, o que equivale a dizer-se que a sua origem, se não é inteiramente desconhecida, é pelo menos muito duvidosa. Na falta, pois, de documentos authenticos e noticias positivas, vem as tradições e conjecturas servir de fundamento ás opiniões. Já se vê, portanto, que estas hão de ser variadas, e como veiu metter-se no assumpto o amor proprio fradesco, pois que duas ordens religiosas, a de S. Domingos e a dos conegos regrantes de Santo Agostinho, pretendiam para si as honras da primeira fundação, de um e outro lado se apresentaram na liça tão valentes campeões, que não é facil decidir a qual d'elles cabe a palma da victoria.

Não sendo proprio este logar para questões archeologicas, e tambem não permittindo o plano d'esta obra que façâmos estendal d'aquellas diversas opiniões, exporemos a tradição, e depois resumiremos a historia.

Refere a primeira, que no tempo do dominio romano havia, no sitio em que está ao presente o mosteiro, um templo dedicado a Vesta, e por conseguinte habitado e servido por virgens vestaes. N'essa epocha o Tejo, entrando desaffrontadamente pelo valle, banhava os muros do templo.

Pela invasão dos povos do norte, que derrubaram o imperio romano, ficou em ruinas a casa das vestaes; e n'este estado se achava quando alli aportaram as reliquias de S. Felix, e seus companheiros martyres, no anno 665 da era christã, reinando na Hespanha e Lusitania Recesvindo, um dos ultimos soberanos visigodos, que tiveram sob o seu sceptro toda a Peninsula Iberica.

S. Felix, diacono, e os seus doze companheiros padeceram martyrio na cidade de Gerona, na Catalunha, no dia 1 de agosto do anno 301, reinando o imperador Diocleciano.

Não se sabe hoje quem trouxe ao Tejo aquellas santas reliquias, nem a razão porque foram levadas ao sitio das ruinas do templo de Vesta; dizem, porém, que estas e outras noticias relativas ao mesmo objecto, constavam de uns manuscriptos de caracteres antigos, em pergaminho, que andavam juntos ás ditas reliquias, e que desappareceram em tempos tambem muito remotos.

O povo de Lisboa, já então, e desde muitos annos antes recebido no gremio do christianismo, tratou logo de edificar egreja para recolher as santas reliquias no proprio local, aonde tinham aportado. Reconstruiu, pois, o templo de Vesta, ou fabricou outro de novo sobre as ruinas d'este, servindo-se para isso dos seus materiaes, e deu-lhe a invocação de S. Felix. Junto da egreja foi fundado ao mesmo tempo um mosteiro duplex, isto é, de frades e freiras.

Esta é a tradição, que póde não ser exacta, mas que é acceitavel como verosimil, e além d'isso porque varias lapidas, achadas ha pouco mais de dois seculos junto do actual mosteiro, vem em abono da tradição.

Antes, porém, de passarmos á historia, ou diremos melhor, talvez, ás eras que nos legaram documentos escriptos, com que se comprovam alguns factos, registaremos aqui uma lenda, embora fabulosa, que andava ligada á tradição, e que foi muito popular em Lisboa e seus arredores, e até acceita e narrada por alguns dos nossos antiquarios como historia verdadeira.

A lenda é a fabula de Achilles, filho de Thetis e de Peleo. Conta a mythologia que os gregos, pretendendo recobrar Helena, raptada por Páris, principe troyano, consultaram o oraculo para saber se seriam felizes na guerra que intentavam contra Troya, o qual lhes respondeu que nada conseguiriam se não levassem comsigo o moço Achilles, cuja educação era ap-

propriada a fazer d'elle o mais esforçado e vigoroso guerreiro d'aquelles tempos. Sobresaltada com esta nova a deusa Thetis, em razão da pouca edade de seu filho, consultou a seu turno o oraculo ácerca da sorte do mancebo, recebendo em resposta que o joven Achilles havia de morrer ferido de uma setta. A deusa, querendo subtrahir o filho ao cruel destino que lhe fôra vaticinado, vestiu-lhe roupas de mulher, e n'este disfarce collocou-o entre as donzellas do paço de Licomedes, rei de Cyros.

Procurando os gregos descobrir o logar em que se occultava Achilles, encarregaram d'esta empreza Ulysses, que tinha fama de astuto, e que provou sel-o, desencantando o escondrijo do mancebo, e fazendo com que elle proprio se descobrisse. Para este fim apresentou-se no paço d'aquelle soberano na qualidade de bofarinheiro. Appareceram todas as damas para ver as variadas mercadorias que elle trazia, e como cada uma escolhesse o adereço que mais lhe agradava, Achilles lançou immediatamente mão de uma espada, que vinha entre as alfaias feminis, empunhando-a com tal desembaraço, e brandindo-a com tanto vigor, que, sem querer, revelou d'est'arte o seu verdadeiro sexo. Ulysses então, estimulando-lhe os brios e a vaidade, facilmente o persuadiu a acompanhal-o ao cerco de Troya, onde, ao cabo de muitas proezas, foi ferido por uma setta em um calcanhar, de que veiu a fallecer.

A nossa lenda põe Achilles entre as vestaes do templo de Chelas, em vez de ser no meio das donzellas do paço de Licomedes; e accrescenta que d'este illustre guerreiro proveiu o nome do logar onde esteve occulto, que se ficou chamando *valle de Achilles*, depois de *Achelles*, com pouca corrupção, que augmentando com o correr dos seculos se reduziu a *Chelas*.

Os nossos auctores que sustentam a veracidade da lenda, allegam duas razões por fundamento: 1.ª dizer Homero que a deusa Thetis escondêra seu filho entre as vestaes de um templo edificado proximo do Oceano nos confins da terra: 2.ª encontrar-se em todas as escripturas que tratam do mosteiro ou do sitio de Chelas, quer sejam anteriores á monarchia, quer posteriores, o nome de *mosteiro ou valle de Achellis*.

Deixando esta fabula, com a qual se entretiveram escriptores nossos mui sisudos, passaremos á historia do mosteiro.

Suppõe-se, como acima dissemos, que a fundação do mosteiro se realisou juntamente com a da primeira egreja de S. Felix, no anno de Christo 665. Não se sabe ao certo qual fosse a ordem religiosa que o povoou.

Passados 48 annos sobreveiu a invasão dos moiros. É de crer que o mosteiro padecesse destruição, e que os monges tivessem de occultar as santas reliquias, enterrando-as talvez para assim as livrarem de serem reduzidas a cinzas, como o inimigo praticava com todas as imagens e reliquias de santos que lhe caiam nas mãos.

Parece que, depois de saciada a primeira sanha dos infieis, conseguiram os monges a conservação do seu mosteiro á custa de algum feudo, como aconteceu com outros conventos. O que é certo é, que nos fins do seculo IX, tendo sido tomada aos moiros a cidade de Lisboa, por D. Affonso III, chamado o *Magno*, rei de Leão e das Asturias, era habitado o mosteiro de *Achellis*. N'esse periodo, porém, dizem que, entrando em Lisboa o conde Servando, que se recolhia da embaixada a que fôra mandado por D. Affonso, o Magno, ao papa Leão III, depositára n'aquelle mosteiro varias reliquias d'entre muitas que o summo pontifice lhe offerecêra, e que elle conduzia para Leão. As reliquias que elle doou ao dito mosteiro eram de Santo Adrião, de sua mulher Santa Nathalia, e de mais onze companheiros que tinham recebido o martyrio em Nicomedia, no reinado do imperador Maximiano. Com a chegada das santas reliquias passou o mosteiro a intitular-se de S. Felix e Santo Adrião.

Presume-se que os moiros, reconquistando Lisboa aos leonezes, expulsaram do mosteiro de Chelas os seus habitadores, e converteram a egreja em mesquita; porquanto el-rei D. Affonso Henriques, logo depois de tomar esta cidade em 1147, tratou de purificar e restituir ao culto divino varios templos, que os infieis tinham profanado, e um d'elles foi o de Chelas, sendo celebrante o bispo de Lisboa, D. João Peculiar, e assistindo o soberano á ceremonia da purificação, e ao descobrimento e trasladação das reliquias, que estavam em duas caixas de marmore, as quaes foram collocadas na capella-mór, de modo que ficaram servindo de altares de S. Feliz e de Santo Adrião.

Foi o mosteiro restaurado, e novamente povoado, mas variam as opiniões ácerca de quem foram os povoadores. Que ainda continuou a ser duplex, prova-se com documentos; quanto á ordem que tomou posse d'elle inclinâmo-nos mais a que seria a dos conegos regrantes de Santo Agostinho, por ser D. Affonso Henriques muito seu affeiçoado, e ter a esse tempo fundado o convento de Santa Cruz de Coimbra, e porque o bispo de Lisboa, D. João Peculiar, que celebrára aquella ceremonia da purificação, tinha sido conego regrante e era privado del-rei.

Deixou o mosteiro de ser duplex, ficando n'elle só os religiosos; mas não consta o anno em que isto succedeu. A seu turno largaram os religiosos o convento para este ser habitação unicamente de freiras. Tambem se não sabe ao certo a era d'esta mudança, mas sim que no anno de 1219, em que era bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas, ainda alli viviam os religiosos, e que foi este mesmo prelado quem estabeleceu no dito mosteiro as conegas regrantes de Santo Agostinho, reedificando por essa occasião a egreja e convento.

Apparecem, porém, n'esta reforma as religiosas de Chelas sujeitas á ordem dominicana, o que deu fundamento para fr. Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos*, dizer e sustentar que essas religiosas eram freiras dominicanas, e não conegas regrantes. Todavia não deve causar estranheza aquelle facto da sujeição, lembrando-nos que a ordem dos prégadores, introduzida em Portugal no tempo do mencionado bispo D. Sueiro Viegas, attrahiu a si, pela exemplar observancia da sua regra, a estima e devoção do monarcha, dos prelados e do povo, circumstancias que recommendavam de sobra uma ordem para reformadora de outra mais antiga, e por conseguinte menos observante do seu instituto.

Desde esta epocha a historia do mosteiro de Chelas limita-se a algumas reedificações parciaes; aos sustos e trabalhos que padeceram as conegas em 1580 com a entrada do exercito hespanhol do commando do duque de Alba, cujos soldados deram de noite assalto ao mosteiro, posto que não conseguiram entral-o; e em 1589 por occasião do desembarque e invasão dos inglezes, vindos em auxilio do prior do Crato, o que obrigou as freiras a refugiarem-se em Lisboa; e finalmente ao terremoto de 1755, que causou bastante ruina na egreja e no mosteiro.

As principaes obras de reconstrucção depois da fundação da monarchia, foram feitas por el-rei D. Affonso Henriques pelos annos de 1147 ou 48; pelo bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas, pelos annos de 1220 a 26; por el-rei D. Manuel no principio do seculo XVI; pela ordem, sendo prioreza D. Luiza de Noronha, no anno de 1604; e pela mesma ordem, com auxilios do governo, em 1756 e 57 para reparar os estragos do terremoto.

De todas estas reedificações, feitas, segundo o nosso costume, sem se attender á conservação da harmonia na architectura, resultou o edificio que vemos agora, grande, irregular, desataviado de ornamentos, e mostrando apenas em algumas pequenas partes vestigios da sua antiguidade.

A egreja conserva da reedificação de D. Manuel o seu lindo portal, de que fallámos em outro logar [1]. No interior sómente é rica em obra de talha doirada, com que se guarnecem as capellas.

As reliquias dos santos martyres, padroeiros do convento, foram tiradas das suas caixas de marmore em 1604, e sendo mettidas em vinte e seis meios corpos de santos, obra de boa esculptura, que mandou fazer a prioreza D. Luiza de Noronha, trasladaram-se para dois altares collateraes da capella-mór, ficando cada um guarnecido com treze meios corpos. No do lado da epistola, dedicado a Santo Adrião, acham-se as reliqnias d'este martyr, de Santa Nathalia, e mais onze companheiros. Junto d'este altar vêem-se duas lapidas com as seguintes inscripções:

Este convento é de conegas regrantes de Santo Agostinho por escripturas antiquissimas. Foi casa das vestaes antes da vinda de Christo Nosso Senhor, o que se vê pelos vestigios de pedras que estão na crasta velha, e pelo cippo de Julia Flaminea, e ara das vestaes, com o buraco da urna do igne perpetuo. Assim que se acha ser reedificada esta capella quatro vezes, uma em tempo das vestaes, outra na primitiva egreja de Hespanha, e duas depois.

A outra inscripção, diz:

Fidelissimo ac invictissimo XPI DNI Martiri Adriano et Natalie, uxori ejus aliis que undecim sociis, qui sub Maximiano vario tormentorum genere occubuere, quorum corpura ante Alphonsum primum Portugaliæ Regem hic quiescunt, hoc altare dicatum est.

Em vulgar quer dizer: Dedicou-se este altar ao fidelissimo e invictissimo martyr de Christo Nosso Senhor Adrião, e Nathalia, sua mulher, e outros onze companheiros, os quaes, imperando Maximiano, foram mortos com varios generos de tormentos, cujos corpos descançam n'este logar antes de D. Affonso primeiro rei de Portugal.

No altar do lado do evangelho, consagrado a S. Felix, estão as reliquias d'este santo, e dos seus doze companheiros. Tambem tem junto d'elle duas lapidas com as inscripções que se seguem:

Esta capella se reedificou em tempo do Illustrissimo Senhor D. Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, Prelado d'esta casa, com cujo governo foi sempre administrada antes dos reis de Portugal, como se vê de um cippo feito na era do S. de mil, e das armas de ElRei Wamba, que repartiu os bispados em Hespanha, o que tudo se achou n'esta reedificação, com ruinas de um caes de enxelharia, onde desembarcaram estes Santos martyres, por este valle ser mar.

Na outra lapida lê-se:

Beatissimo Xpi Dni Martiri Felice Diacono, aliis que XII *Martiribus qui impiorum gladiis sub Diocleciano occubuerunt, quorum corpora hic jacent, ante Alphonsum* I *Portug. Regem, hoc altare est dicatum.*

Diz em portuguez: Este altar se dedicou ao beatissimo martyr de Christo Nosso Senhor Felix diacono, e a outros doze companheiros, que foram mortos pelos tyrannos, sendo imperador Diocleciano; cujos corpos aqui jazem sepultados antes do tempo de D. Affonso primeiro rei de Portugal.

Estas quatro inscripções foram mandadas collocar alli pelo arcebispo D. Miguel de Castro no anno de 1604, em que se fez a trasladação das reliquias, com assistencia do mesmo prelado. As duas inscripções em latim referem-se ao descobrimento e trasladação das reliquias no tempo e em presença de D. Affonso Henriques, como acima narrámos.

[1] Vid a gravura e artigo a pag. 213 d'este volume.

Existem ainda as lapidas commemorativas do primeiro deposito das santas reliquias n'aquelle logar. Acharam-se enterradas, e depois foram embebidas na parede. A que diz respeito a S. Felix é a seguinte:

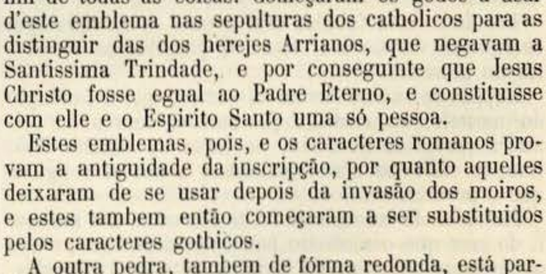


É uma pedra de fórma circular de marmore avermelhado. Acha-se partida quasi pelo meio. A inscripção, posta em vulgar, reza assim: *Em os idos de dezembro de* 703 (13 de dezembro de 665 da era de Christo) *se fez o deposito de S. Felix, de boa memoria, martyr do verdadeiro Deus.*

Na parte superior da lapida vêem-se as duas letras gregas, *alpha* e *omega*, e no centro d'ella o P com o x ou cruz atravessada, que é a abbreviatura do nome de Christo. Como a alpha era a primeira letra do abecedario grego, e a omega a ultima, designavam por este modo que Jesus Christo era o principio e o fim de todas as coisas. Começaram os godos a usar d'este emblema nas sepulturas dos catholicos para as distinguir das dos herejes Arrianos, que negavam a Santissima Trindade, e por conseguinte que Jesus Christo fosse egual ao Padre Eterno, e constituisse com elle e o Espirito Santo uma só pessoa.

Estes emblemas, pois, e os caracteres romanos provam a antiguidade da inscripção, por quanto aquelles deixaram de se usar depois da invasão dos moiros, e estes tambem então começaram a ser substituidos pelos caracteres gothicos.

A outra pedra, tambem de fórma redonda, está partida pelo meio, restando só a metade superior, como abaixo se vê. Os emblemas que a outra contém não



se divisam n'esta. Esta inscripção era relativa, provavelmente, ao martyr Santo Adrião e seus companheiros.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio